

Comitê busca adesão popular ao voto nulo

Desafiando a decisão da presidente do TRE, desembargadora Maria Thereza Braga, de considerar como crime as campanhas pelo voto nulo que estão sendo movimentadas em Brasília, um grupo de estudantes da UnB ligado ao Partido Verde instalou ontem de manhã uma mesa no centro do Setor Comercial Sul e com a ajuda de uma kombi equipada com alto-falantes, conseguiu 280 assinaturas de adesão ao movimento. De acordo com o líder do grupo, o estudante de Geografia Ronaldo Alencar, as assinaturas foram colhidas em menos de uma hora, entre 11h10min e 12h.

Provando que não foram intimidados com o recado da desembargadora, os autores da campanha se dizem dispostos a continuar a cata de adesões e já anunciaram para a próxima terça-feira a inauguração do primeiro "Comitê Pró-voto nulo", a ser instalado na UnB, e nos restaurantes Molinho e Beirute. Além do comitê, estão distribuindo adesivos em favor do voto nulo, dentro e fora das universidades de Brasília.

Sobre a intenção da desembargadora Maria Thereza Braga de pedir ao procurador eleitoral Haroldo Ferraz Nobrega que descubra as raízes do movimento, Ronaldo Alencar explica que o voto é obrigatório, mas não há nada que impeça o voto nulo. "Lamento ter que dizer isso, mas esta

senhora está desinformada, pois não há nenhum dispositivo legal que puna o voto nulo". O candidato do Partido Verde à Câmara Federal Roberto Lenox — que é contra as campanhas pelo voto nulo — explica também que "só é considerado crime eleitoral a abstenção".

VOTO CONSCIENTE

O jornalista Eduardo Franklin, outro defensor das campanhas pelo voto nulo em Brasília, diz que a interpretação da presidente do TRE é equivocada, porque não estão induzindo a não votar, mas sim, que os eleitores de Brasília votem conscientemente. "Votar no Marcos Terena, por exemplo, é uma maneira ecológica de praticar o voto nulo; votar no Sigmaringa Seixas também, porque nenhum destes bons candidatos será eleito, então é uma forma de não votar nesta corja que aí está".

Ele diz que está sentindo que a campanha pelo voto nulo em Brasília está crescendo muito e que a decisão do TRE "foi a maior propaganda" que poderiam ter. Para Franklin, os próprios partidos estão muito assustados com a repercussão destas campanhas, pois há o risco, inclusive, de as eleições serem anuladas, porque o maior índice de voto nulos será provocado pela cédula eleitoral que é bastante complicada. Estes serão os votos nulos inconscientes.

Além disso, afirma o jornalista, muitos eleitores não irão votar por comodismo, para não enfrentarem filas, já que a multa é de apenas Cz\$ 20 para quem não comparecer à seção eleitoral.

"Eu até gostaria muito que a desembargadora me processasse, que mandasse prender o meu carro, onde carregue um cartaz a favor do voto nulo, só que desconheço o dispositivo legal que poderia ser usado para tanto. Pregar um adesivo no meu carro ou conversar com amigos no bar é um direito que tenho, faz parte da democracia", diz Eduardo Franklin, pouco preocupado com os desdobramentos que poderão ocorrer ao longo da campanha que pretende levar adiante nas conversas com amigos.

No Ceub, o movimento a favor do voto nulo também está crescendo, estimulado principalmente pelos membros do Diretório Central dos Estudantes. O diretor de Imprensa do DCE, Ricardo Maia, estudante de Comunicação Social, diz que pretendem continuar a campanha, à revelia da decisão da presidente do TRE, porque o voto nulo não deixa de ser uma posição democrática. "Estamos trabalhando pelo voto nulo como se fosse um partido alternativo, contra este sistema de eleições em que ganha quem tem mais dinheiro e contra a sublegenda", explica.